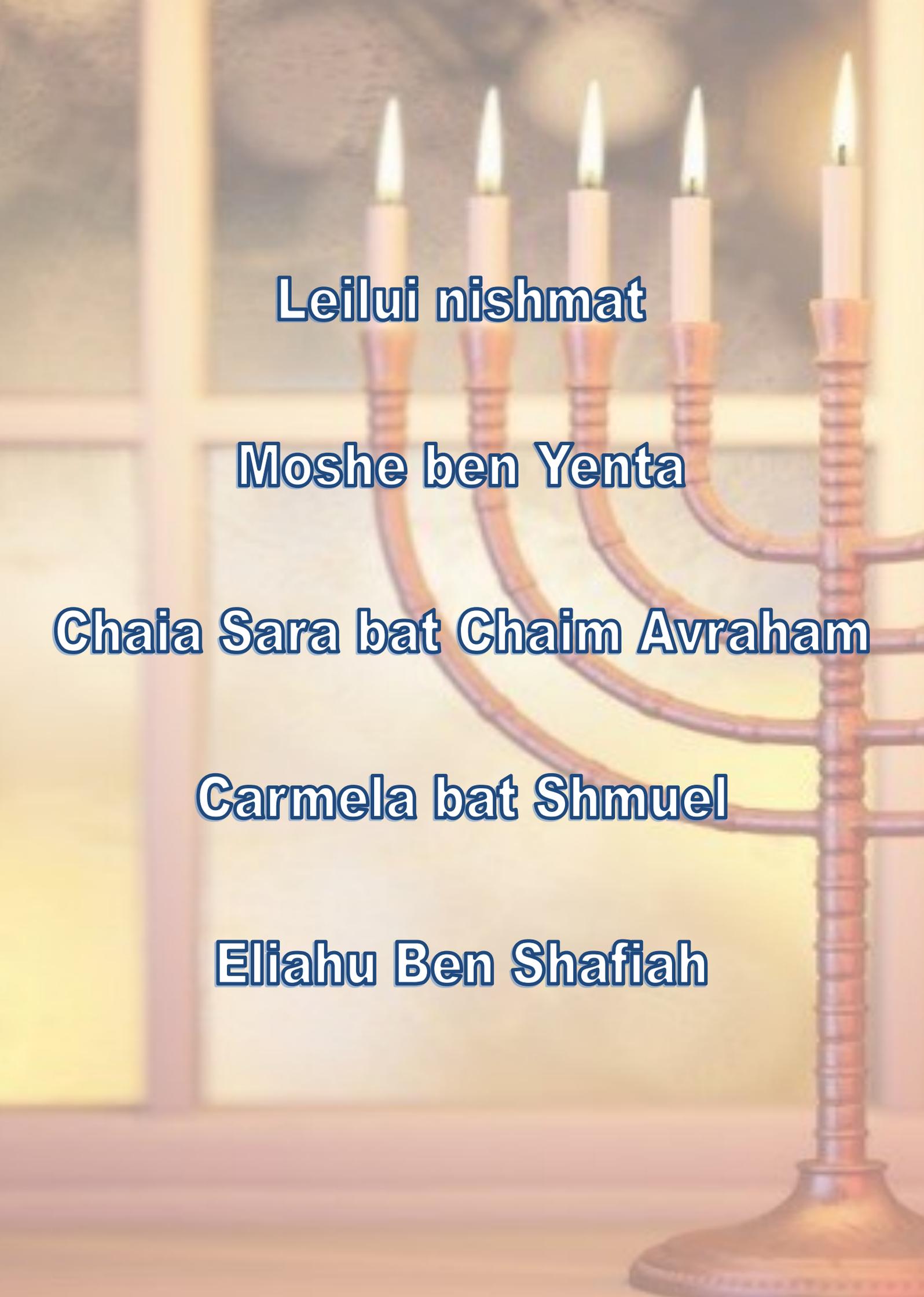




A história de Chanuka



Leilui nishmat

Moshe ben Yenta

Chaia Sara bat Chaim Avraham

Carmela bat Shmuel

Eliahu Ben Shafiah

Embora anualmente comemoremos o milagre de Chanuka, e conhecemos bem a história do pequeno pote de óleo que durou por oito longos dias, grande parte das guerras e dos conflitos que levaram a disputa entre os Chashmonaim e os gregos é um pouco obscura. Os fatos históricos que geraram a inimizade entre o povo judeu e a cultura grega, os judeus que se afiliaram aos costumes gregos e delataram seus próprios irmãos, os generais que tentaram conquistar Yerushalaim e caíram perante Yehuda Hamakabi nem sempre são bem conhecidos, e isto faz com que o milagre de Chanuka não seja devidamente apreciado.

Diversos livros contam a história da humanidade, e assim também com relação as guerras entre o povo judeu e o Império Grego. Entre eles: Sefer Hamakabim, Meguilat Antiochus, os livros de Yosefus Flavius, Midrashim e Guemarot. Porém, como todos os livros de história, os fatos nem sempre são exatos e muitas vezes contraditórios.

Nesta *choveret* utilizamos como base o livro do Rav Meir Lamvarski, autor de uma série de livros que aborda as história contadas no Tanach, complementando elas com base em diferentes Midrashim e fontes históricas gerais.

Esperamos que conhecer melhor os acontecimentos que levaram ao famoso milagre dê a ele uma visão mais ampla e um significado maior para esta festa tão especial.

Boa leitura!

Chanuka Sameach!

Para que possamos conhecer e entender completamente a história dos Chashmonim, o que gerou a revolta e levou os judeus à guerra, é preciso saber contra quem eles guerrearam e por quê. Quem eram os gregos? Como foi formado o Império Grego e como eles lidavam com os povos que estavam sob seu domínio? O que levou a revolta dos judeus contra seus opressores?

Introdução - O nascimento do Império Grego

Em torno de 2.400 anos atrás nasceu ao rei Filipe II um filho na cidade de Pela, ao qual foi dado o nome de Alexandre. Já quando criança o pequeno príncipe foi reconhecido por sua capacidade e talento incomum, e a desejo de seu pai recebeu uma educação completa, tendo como professor o grande filósofo grego Aristóteles. Quando tinha apenas 16 anos seu pai foi assassinado e o posto de rei da Macêdonia foi passado a ele, o jovem Alexandre, que viria a ser conhecido como Alexandre o Grande, ou Alexandre Magno.

Nesta época o mundo era dominado pelo Império Persa, descendentes do antigo rei Achashverosh, conhecido pela história de Purim. Em Eretz Israel o segundo Beit HaMikdash já havia sido construído, devido a permissão do rei persa Coresh (Ciro II).

O novo rei da Macêdonia recebeu em suas mãos um forte e organizado exército, e por ser extremamente ambicioso ele não se contentava com nada menos do que conquistar o mundo inteiro. Primeiramente Alexandre o Grande se dirigiu à Grécia, que ficava próxima ao seu reino, e a conquistou. Porém, ao invés de impôr uma nova ordem ao povo grego, ele optou por aderir a cultura grega, baseada nos vários filósofos da época e decidiu espalhar pelo mundo sob seu comando a cultura helenista. Assim começava a se formar o Império Grego.

Como grande líder e guerreiro, Alexandre conseguiu conquistar praticamente o mundo inteiro, dominando toda a região conhecida pelos homens na época. Como parte de seu objetivo, ele se esforçou também para difundir entre todas as civilizações a cultura grega sob a qual havia sido criado e aprendido de seu tutor, Aristóteles. Ele visava criar uma cultura homogênea na Ásia e na Europa, tentando misturar à cultura grega alguns costumes persas, para que toda a humanidade tivesse apenas um costume. Porém, nesta tentativa não obteve sucesso.

Entre suas viagens e conquistas, Alexandre o Grande chegou também a Eretz Israel. Sua visita a Yerushalaim aconteceu devido a uma tentativa vil do Shomronim (Samaritanos) de destruir o Beit HaMikdash. Algum tempo antes de sua vinda, o rei Alexandre tentou sem sucesso conquistar a cidade de Tiro. Esta cidade era fortemente protegida e mesmo o grande rei da Babilônia, Nabucodonossor, tentou conquistá-la por 13 anos, e seu esforço foi em vão, a cidade se manteve livre de seu domínio. O rei da Macedônia então se voltou para o povo judeu, pedindo-lhes ajuda. Ele pediu para que parassem de pagar impostos ao Império Persa e começassem a servir a nova Grécia, em troca disso ele lhes ofereceu proteção e segurança. O Cohen Gadol, então líder do povo judeu, respondeu que eles não poderiam ajudar, por temer que caso se rebelasse contra a Pérsia o povo judeu seria novamente exilado.

Aproveitando a recusa dos judeus em ajudar o rei Alexandre, os Shomronim, então moradores de Eretz Israel e vizinhos do novo recém formado governo judaico, decidiram instigar o rei contra o povo judeu, dizendo que estes estavam na verdade se rebelando contra o Império Grego.

Alexandre acreditou nas palavras dos Shomronim e resolveu ir a Eretz Israel guerrear contra o povo judeu, logo após conquistar a cidade de Tiro. Aos Yehudim que moravam em Yerushalaim chegou a notícia de que o rei estava vindo a cidade acompanhado de um grande exército, planejando destruir tudo. Shimon Hatzadik, o novo Cohen Gadol, tomou a responsabilidade de encontrar o Imperador Alexandre e alcançar a paz entre os dois. Ele se vestiu com as roupas de Cohen Gadol e foi receber o rei na entrada da cidade.

Inesperadamente, quando os dois se viram, o grande imperador desceu de seu cavalo e se curvou perante Shimon HaTzadik. Todos os presentes ficaram perplexos!! Nunca haviam presenciado tal cena. Como podia Alexandre o Grande se prostar perante um judeu qualquer? Ao levantar, o próprio rei explicou seus motivos. Ele contou que em todas as guerras, antes de sair para a batalha, ele via uma imagem de um homem idoso, e sabia que por causa dele teria sucesso e venceria. Esta imagem não era de outro senão o rosto do próprio Shimon HaTzadik, por isso ao vê-lo pessoalmente ele desceu imediatamente de seu cavalo e se curvou. O Cohen Gadol explicou que isto acontecia porque ele rezava no Beit HaMikdash pelo sucesso do rei em suas

guerras. Ao ouvir o lado judaico da história o rei se enfureceu com os Shomronim e permitiu aos Yehudim expulsar-los da região.

Depois deste encontro, o rei foi levado a cidade de Yerushalaim para conhecer o Beit HaMikdash. Impressionado com a beleza deste, Alexandre pediu que fosse construída e colocada próxima ao Altar (Mizbeach) uma estátua sua. De acordo com a Halachá judaica isto é proibido, portanto o pedido do rei colocou Shimon HaTzadik em uma situação complicada. Por um lado a proibição da Halachá não podia ser transgredida, mas por outro lado ele temia o que o rei faria se seu pedido fosse negado. Por isso o Cohen Gadol decidiu oferecer outra coisa. Ele propôs ao rei que ao invés de uma estátua dentro do Beit HaMikdash, fosse dada a toda criança que nascesse naquele ano o nome de Alexandre, assim seu nome seria pronunciado e conhecido por todos. O rei gostou da ideia e aceitou a oferta.

Seu reinado não durou muito. Enquanto Alexandre o Grande estava no castelo do antigo rei da Babilônia, Nabucodonossor, aquele que havia destruído o primeiro Beit Hamikdash, ele adoeceu, e ficou enfermo por aproximadamente 10 dias, e acabou falecendo longe de sua família e casa. Sua morte inesperada deixou o Império Grego perdido, pois não havia sido escolhido um sucessor, e o rei ainda não tinha filhos.

Guerras internas acabaram dividindo o grande Império que havia sido formado, e a região de Eretz Israel passou a ser dominada por diferentes governadores.

Dos primeiros a governar a área de Eretz Israel foi o rei Talmi I (Ptolomeu), este foi extremamente perverso contra o povo judeu. Fingindo interesse em trazer um sacrifício para o Beit HaMikdash, Talmi veio a cidade de Yerushalaim com um grande exército e a conquistou, sequestrando 120 mil judeus da região. 30 mil destes eram jovens que se tornaram soldados, e o restante foi vendido como escravo.

O rei Talmi II e a tradução da Torá

Após sua morte, subiu no poder seu filho Talmi II. Este foi um rei bem melhor para o povo judeu, revogando os decretos de seu pai, diminuindo os impostos colocados sobre o povo judeu e dando mais liberdade religiosa ao povo. A situação financeira do povo era melhor,

porém de um ponto vista espiritual as coisas começavam a piorar. Shimon HaTzadik havia falecido e a liderança do povo passou para seu irmão, El'azar, e ao sábio Antignos Ish Sochó. A convivência próxima com os gregos estava começando a influenciar os Yehudim, e muitos se interessavam cada vez mais pela cultura grega, deixando de lado o cumprimento das Mitzvot e o estudo da Torá. Nestes dias, dois dos alunos de Antignos, Tzadok e Baitos, largam o judaísmo original e abriram uma nova religião, acreditando apenas na Torá escrita, o Tanach, e deixando de lado a Torá Oral e as explicações desta sobre a Torá escrita. Tzadok e Baitos apagaram também da nova religião a crença no mundo vindouro, onde aqueles que cumprem a Torá receberão sua devida recompensa. Muitos Yehudim que até então eram fiéis a D'us e a Torá passaram a perder sua fé, seguindo caminhos diferentes e se afastando da herança judaica.

Talmi II era um bom rei e também um grande erudito. Ele mandava mensageiros a todos os cantos do mundo para lhe trazerem livros. Sua busca por conhecimento fez com que ele se interessasse pela Torá, a antiga sabedoria judaica. Porém, até então, a Torá estava escrita somente em Hebraico, sendo proibido traduzi-la para outras línguas. A Torá havia sido entregue por Hashem para o povo judeu no Har Sinai, e era voltada somente para ele, conseqüentemente não era permitido traduzir a Torá para qualquer outra língua, sendo apenas possível copiá-la no idioma original. O rei Talmi II não falava hebraico, e decidiu que para que ele pudesse estudá-la seria preciso traduzir a Torá para o grego. Seu conselheiros, conhecendo a proibição judaica, lhe deram a ideia de como fazer para conseguir a tradução. Primeiro o rei precisava se aproximar do povo judeu, e o modo de fazer isso era trazer de volta todos os 120 mil Yehudim exilados por seu pai, depois o rei poderia pedir a tradução e os judeus não poderiam negar. E assim foi. O rei decretou que todos aqueles que tivessem escravos judeus deveriam libertá-los e mandá-los de volta para Israel.

Junto com a chegada destes judeus exilados, o rei Talmi II mandou também para o Beit HaMikdash um grandioso Korban (sacrifício), e presentes para El'azar Cohen Gadol (irmão de Shimon HaTzadik) e para os anciãos do povo.

Porém, como dito acima, todos estes presentes tinham uma segunda intenção por trás, o pedido de que a Torá fosse traduzida para o grego. A liderança judaica da época, embora soubesse da proibição, não encontrou nenhuma forma de evitar a tradução sem que isto parecesse como uma revolta, que provavelmente geraria a raiva do rei contra eles.

Eleazer decidiu que não era obrigatório se colocar em perigo de vida por isto, e assim 72 sábios judeus foram mandados para o Egito, onde se encontrava a capital do rei Talmi II, junto com um Sefer Torá.

Ao chegarem lá, os sábios foram recebidos com grande festa pelo rei, e lhes foram feitas refeições e festas por 12 dias. Após toda a festividade, cada um dos sábios foi colocado em uma casa diferente, cada um com um Sefer Torá, para que o traduzissem. Perplexos com a situação, os sábios não sabiam que seriam colocados em lugares separados, e temiam que se as traduções não fossem iguais, o rei acharia que havia sido enganado. Outra preocupação que os deixou apreensivos foi o fato de que certas passagens da Torá, caso traduzidas ao pé da letra, dariam uma ideia errada. Sem saber o que fazer, cada um traduziu como possível, optando por mudar a tradução nas partes necessárias, 13 partes no total. Hashem os ajudou e milagrosamente as traduções foram exatamente iguais, dando prazer ao rei Talmi II.

Nossos sábios viram na tradução da Torá para o grego algo problemático, e decretaram jejum neste dia, o dia 8 do mês de Tevet. Esta tradução ficou conhecida como a Versão dos Setenta, ou Septuaginta. Um dos problemas gerados pela tradução foi o fato de que muitos judeus que moravam em Alexandria no Egito, e conseqüentemente estavam mais acostumados com a língua grega do que a hebraica, acabaram deixando de lado o Sefer Torá original e passaram a usar a tradução como fonte. Embora a tradução fosse fiel ao original, muitas das Halachot da Torá são aprendidas devido ao duplo sentido de palavras hebraicas, sentido esse perdido em qualquer outro idioma.

Inimigos de dentro e de fora – os helenistas

Governadores subiram e desceram, guerras violentas aconteceram pelo mundo, e o povo judeu, situado em local estratégico para o domínio da região acabou sofrendo durante as guerras. Porém não somente inimigos de fora causavam perdas e morte em Am Israel, mas também guerras e discussões internas causaram diversos danos ao povo e ao Beit HaMikdash. A cultura grega, os esportes, os deuses gregos e a idealização do corpo acima da alma se espalharam pelo povo, levando muitos judeus a largarem o judaísmo e se tornarem helenistas, fiéis aos costumes gregos. Estes que haviam deixado de lado a Torá e as Mitzvot não se contentavam apenas em seguir um novo caminho, eles queriam que todos em Eretz Israel fossem iguais a eles, abandonando a Emuná judaica e se afastando dos costumes judaicos. Aos olhos dos novos-

gregos não havia espaço para outras crenças, para pessoas diferentes, todos deviam seguir o caminho escolhido por eles. Para conseguir isto eles criavam intrigas entre os que se mantiam fiéis a Torá e os governadores locais, se esforçando para diminuir e até mesmo parar completamente a atividade dos Korbanot (sacrifícios) no Beit HaMikdash. Uma das formas de conseguir isto foi a construção de um grandioso estádio ao lado do Beit HaMikdash, na tentativa de puxar os jovens Cohanim para os costumes gregos. Historiadores descrevem muitos Cohanim parando o trabalho no Templo para assistir o que estivesse acontecendo no estádio. Também em Yerushalaim foi construída uma Gimnásia – escola que ensinava aos alunos os conceitos e leis gregas.

Dentre os governadores que fizeram mal ao povo judeu se encontra Antiochus segundo (Antíoco II). Este, juntamente com judeus helenístas, trouxe os maiores sofrimentos e os mais pesados decretos contra o cumprimento da Torá ao povo judeu.

Até então, embora muitos povos tivessem feito o povo judeu sofrer, como vemos longamente no Tanach, eles tinham como intenção apenas dominar e conquistar a região. Eles queriam poder e riqueza, e fizeram o possível e necessário para conseguir. Mataram, saquearam, engaram, tudo o que foi preciso para dominar. Já Antiochus II tinha outra intenção. Sua vontade era afastar os judeus de sua fé, desligá-los de Hashem, apagando do mundo a santidade e a pureza da Torá. Para atingir esta meta Antiochus II encontrou ajuda e apoio de muitos moradores de Yerushalaim, que tinham há muito tempo abandonado o judaísmo e se convertido ao helenismo, à cultura grega.

Primeiramente Antiochus II decidiu cancelar os trabalhos feitos no Beit HaMikdash, começando por aqueles que eram geralmente acompanhados de uma alegria especial. Assim, ele proibiu que trouxessem Bikurim (as primeiras frutas a nascerem no campo) para Yerushalaim e ao Beit HaMikdash, e também impediu que fossem trazidas madeiras para queimar no altar, o que impediria os sacrifícios. Estas duas Mitzvot eram fonte de muita alegria ao povo: as frutas vinham de todo Israel, e traziam vida e alegria para a cidade de Yerushalaim, cheia de cores, cheiros e gostos; quanto as árvores, algumas famílias haviam recebido o mérito de trazer as madeiras necessárias para o trabalho diário no Templo, e a cada algumas semanas eram trazidas com festa e alegria, sendo a família recebida com música pelos moradores de Yerushalaim.

Para evitar que estas fossem trazidas, o rei colocou guardas ao redor da cidade, assim qualquer um que tentasse passar com frutas ou madeiras era detido e somente poderia prosseguir se deixasse tudo para trás. Mesmo assim, o povo encontrou formas criativas de contornar os guardas, escondendo as frutas embaixo de outras, e as madeiras eram transformadas temporariamente em escadas, assim os guardas não viam problema em deixá-las passar.

Durante seu reinado, Antiochus II decidiu conquistar a região do Egito, que no momento era governada por Talmi VI. Ele juntou um enorme e forte exército, uma frota de navios e atacou o Egito, conseguindo conquistá-lo. Devido a esta vitória, o rei se encheu de orgulho e mandou que construíssem uma estátua sua feita de ouro, e ordenou que todos seus súditos de todos os povos viessem a capital se curvar para sua estátua. Os Yehudim decidiram não ir, devido a proibição de se curvar e idolatrar outros deuses, esperando que isto passasse despercebido. Porém muitos daqueles que haviam se helenizado, seguindo agora a cultura e a filosofia grega, não viam problema em se curvar, e aproveitaram a oportunidade para delatar os judeus que se mantiveram fiéis a Torá, buscando fazer com que Antiochus II atacasse e matasse todos eles.

Justamente nesta época, foi visto no céu de Yerushalaim acima do Beit HaMikdash, por 40 dias, uma visão incrível! Todos que lá moravam e passavam viam entre a terra e o céu uma imagem de vários cavaleiros montados em cavalos dourados carregando espadas de ouro, prata, ferro e bronze. A visão criou grande alvoroço entre os Yehudim, e os sábios viram nisto um sinal da queda de Antiochus II.

Os decretos de Antiochus II – início da rebelião

Os judeus helenistas trouxeram ao conhecimento do rei Antiochus II as palavras dos sábios, incitando o rei contra eles. O rei se enfureceu, e partiu para Yerushalaim, intencionado a matar e destruir todos aqueles que negassem seu reinado. Alguns historiadores dizem que a raiva foi devido a uma festa feita em Yerushalaim por um boato de que rei havia morrido. Com a ajuda daqueles que o incitaram ele entrou sem dificuldade na cidade, e naquele dia foram mortos 40 mil Yehudim e outros 40 mil foram vendidos como escravos. Depois de conquistar a cidade o rei mudou o nome do Beit Hamikdash para "A casa dos deuses de Olimpus". Após o ataque não houve outra opção para os Yehudim senão fugir da cidade e se esconder. Entre eles também Matitiah e seus filhos se refugiaram nos arredores da cidade de Modiin.

O rei entregou a seu súdito Polifus o controle sobre a cidade. Este se aconselhou com os judeus helenistas sobre a melhor forma de afastar os judeus de sua fé. Eles lhe responderam que ao afastá-los de Mitzvot específicas os judeus viriam a se afastar da Torá completamente. Seguindo este conselho, o novo governador decretou a proibição de cumprir o Shabat, os Chaguim (Pessach, Shavuot e Sucot) e o Brit Milá. Quem fosse pego cumprindo uma destas Mitzvot seria severamente punido e morto.

Nas cavernas ao redor de Modiin moravam nesta época Matitياهو e seus cinco filhos: Yehuda, Yochanan, Yonatan, Shimon e El'azar, conhecidos como os Chashmonaim. Junto com Matitياهو se esconderam alguns de seus irmãos e outros Yehudim que remanesceram fiéis ao judaísmo.

Ao ouvir o que Polifus havia feito em Yerushalaim e os decretos que continuavam a proibir o cumprimento da Torá, Matitياهو decidiu mandar secretamente seu filho Yehuda HaMakabi (era conhecido por Makabi devido ao *passuk* que colocara em sua bandeira de guerra: *Mi Kamocha BaElim Hashem*, cujo acrônimo, em hebraico, forma a palavra Makabi) para todas as cidades da região, para juntar outros interessados em se rebelar contra o controle de Polifus e Antiochus II.

Devido a sua idade, Matitياهو nomeou dois de seus filhos como líderes na rebelião – Shimon seria o líder religioso, e Yehuda o general do exército que estava sendo formado. Yehuda logo juntou um pequeno exército e partiu em direção ao acampamento grego que se encontrava próximo a cidade de Modiin. Já em sua primeira batalha, Yehuda – conhecido por sua força descomunal, matou mais de oito mil soldados e muitos outros helenistas que se juntaram ao exército de Antiochus II.

No dia 23 de Iyar, Yehuda e seu exército conseguiram conquistar a fortaleza Charka, expulsando dela tanto os gregos quanto os judeus helenistas. Daquele dia em diante Yehuda passa a ser conhecido por todos como um herói, de incrível força, a voz forte como a de um leão, e as histórias de suas vitórias sobre os gregos se tornam lendas. Após vencerem o exército de Polifus, os Chashmonaim renovam as atividades no Beit HaMikdash e cancelam todos os decretos vigentes, permitindo novamente uma vida judaica em Yerushalaim.

Os Chashmonaim renovaram também o funcionamento do San'hedrin – o supremo tribunal. Dos primeiros atos do tribunal foi julgar e castigar todos aqueles que haviam se aliado aos gregos na guerra. No julgamento os Chashmonaim deram a eles três dias para fazer Tshuvá, se arrepender de seus pecados e de sua traição ao povo judeu e à Torá.

Porém eles não aproveitaram a oportunidade, e o Beit Din (tribunal) os julgou culpados e matou a todos.

Alguns generais gregos tentaram reconquistar Yerushalaim e recuperar a honra do Império Grego perdida na batalha contra os Chashmonaim, entre eles: Apolianus, Sergon, Lisiah e outros, porém também estes caíram perante Yehuda HaMakabi.

Quando Lisiah partiu em direção a Yerushalaim, designado a reconquistá-la pelo rei Antiochus II, ele achou que sua presença na guerra não era necessária, pois o exército de Yehuda era pequeno e não o considerava digno de sua atenção. Sendo assim, ele deixou o exército nas mãos de um de seus generais, Nikanor, e voltou para Macedônia. Ele estava tão certo da vitória que já mandou junto com o exército mercadores de escravos, tendo certeza de que venceria e estes levariam parte dos soldados e moradores de Yerushalaim como escravos.

Porém a vitória não era certa. Yehuda HaMakabi derrotou e matou os soldados mandados por Antiochus II e Lisiah, expulsando-os de Eretz Israel. Nikanor, o general enviado por Lisiah, voltou a Macedônia para contar que haviam perdido a guerra. Justamente nos mesmos dias Antiochus II voltava de mais uma derrota para os Persas. A vergonha pelas derrotas encheu o rei Antiochus II de raiva, e o levou a decidir acabar com a revolta de Yehuda de uma vez por todas. Ele juntou todo o seu exército, e partiu em direção a Yerushalaim, levando consigo também elefantes de guerra.

Embora Antiochus II tivesse planejado detalhadamente a guerra, Hashem tinha outros planos. Para alertá-lo e afastá-lo de Eretz Israel, Hashem fez com que Antiochus II sofresse de uma horrível doença, com queimaduras por todo o corpo. Porém isto não foi suficiente para que o rei desistisse. Então, durante a viagem a Yerushalaim, a carruagem do rei acabou sendo derrubada por um elefante, fazendo com que ele caísse e quebrasse quase todos seus ossos. O sofrimento foi tanto que o rei não conseguia mais andar, e seus servos tiveram que carregá-lo. Devido a doença, seu corpo começou a apodrecer, fazendo com que um cheiro horrível exalasse dele, e por isso até mesmo seus mais fiéis servos não estavam dispostos a se aproximar. A falta de liderança fez com que os soldados fugissem e assim o exército que caminhava em direção a Eretz Israel se desfez.

Antiochus III

Passado algum tempo o rei Antiochus II acabou morrendo desta doença, passando o reinado para seu filho, Antiochus III. Este expandiu o grande Império Grego, tornando-se o maior Imperador e conquistador desde os dias de Alexandre, o Grande. Em seus dias os judeus receberam um tratamento honroso, e não houveram guerras entre eles. Pelo contrário, o povo em Eretz Israel apoiou o governo de Antiochus III na guerra contra o governo de Talmi, no Egito, e foi reconhecido por tal apoio.

Antiochus IV e Nikanor – a primeira batalha

Após sua morte, assumiu o reinado grego Antiochus IV, cujo nome era Epifânio. Este viu no povo judeu um inimigo a ser aniquilado. A fé judaica, que havia se mantido firme perante a cultura grega, aos esportes gregos e aos deuses do Olimpo, levou Antiochus IV a guerra contra o povo de Tzion. Ele convenceu o conselho grego que o povo judeu era perigoso para a continuação da herança grega, e que eles viriam a influenciar outros povos a se rebelarem contra o Império Grego.

A subida de Antiochus IV ao poder levou às últimas guerras entre os Yehudim e os gregos. Três guerras em apenas um ano ocorreram em Yerushalaim, lideradas por três generais. A primeira por Nikanor, a segunda por Bagris e a última por Antiochus IV. Nos próximos parágrafos faremos um resumo dos generais e das guerras que ocorreram, até a vitória milagrosa dos Chashmonaim sobre os gregos.

O rei nomeou Nikanor como general e o mandou para Yerushalaim. O novo rei sabia que a força do povo judeu vinha de sua conexão com Hashem, e portanto instruiu seu general a conquistar Yerushalaim e proibir que os judeus cumpram as Mitzvot, principalmente proibindo o cumprimento do Shabat, Rosh Chodesh, Festas e Brit Milá.

Ao chegar em Yerushalaim, Nikanor invadiu a cidade e matou muitos de seus moradores, destruindo tudo que estava na sua frente, por último invadiu o Beit HaMikdash e o impurificou. Ele construiu no Templo um altar para um de seus deuses e sacrificou nele um porco, espalhando o sangue do animal por todo o pátio do Templo. Não bastasse isso, Nikanor decidiu saquear as riquezas do Beit HaMikdash, e mandou um Yehudi entrar no Eichel (onde ficavam a Menorá e as tábuas da lei, somente Cohanim tinham permissão de entrar) e pegar o que quisesse. Este yehudi, chamado Yosef Meshita, entrou e pegou a Menorá feita de ouro. Ao sair, Ihe disseram

que a Menorá não deveria ser levada por qualquer um, e sim entregue ao rei. Portanto ele deveria entrar novamente e pegar outra coisa. Porém, Yosef sentiu o peso do pecado que havia feito e se arrependeu, não aceitando de jeito nenhum voltar a entrar. Os gregos o ameaçaram e mesmo sob ameaça de ser morto Yosef se negou.

Ao ver o Beit HaMikdash impurificado, Yochanan filho de Matitياهو, então Cohen Gadol, decidiu vingar-se de Nikanor. Ele marcou uma reunião com o general, dando a impressão de que estava disposto a apoiá-lo e levar o povo a se submeter perante os gregos. Para o encontro, Yochanan preparou uma pequena espada de dois gumes, e a escondeu na bainha da roupa. Quando ficou sozinho com Nikanor, que havia montado sua tenda dentro do Beit HaMikdash, Yochanan puxou a espada e a fincou no coração do general, matando-o na hora. Após matá-lo, Yochanan saiu do Templo e tocando uma trombeta chamou o povo a guerrear contra os gregos. Naquele dia, milagrosamente, o povo conseguiu matar centenas de milhares de soldados. Este dia, dia 13 de Adar, foi fixado como um dia de festa.

O decretos de Antiochus IV e a segunda batalha

Como resposta à rebelião, o rei Antiochus IV mandou outro general, Bagris, a Yerushalaim. Este, como o anterior, invadiu e matou muitos, subjugando os judeus de Yerushalaim. Ele refez os decretos que proibiam várias Mitzvot. Encontramos no livros histórias e mais histórias de Yehudim que estavam dispostos a morrer pelo cumprimento do Shabat e do Brit Milá. Dentre elas encontramos a história de uma mulher, descendente de Leviim, que teve um filho alguns meses após seu marido falecer. Apesar da proibição, ela escolheu fazer Brit Milá em seu filho. Após fazê-lo, ela subiu em uma das muralhas de Yerushalaim, e gritou:

- Bagris, Bagris, você pensa que conseguirá nos afastar das Mitzvot, evitar com que o povo judeu continue fazendo Brit Milá?! O Brit não deixaremos de fazer, o Shabat não deixaremos de cumprir, e o Rosh Chodesh continuaremos a santificar!! A Torá passaremos como herança para as próximas gerações para sempre, muito depois de você e os gregos desaparecerem da história.

Depois destas palavras ela se voltou para os céus, rezando e demonstrando que o povo judeu nunca abandonaria sua fé em D'us e sua dedicação para o cumprimento das Mitzvot. Após a Tfilá, ela pulou para a morte junto com seu filho recém nascido.

O peso dos decretos, a proibição de cumprir a Torá e as Mitzvot e o sofrimento do povo, incitaram o judeus a se rebelar. Liderados pelos cinco filhos de Matitياهو, eles atacaram o exército grego e os expulsaram de Yerushalaim. A nova rebelião recuperou Yerushalaim, e trouxe a ela a terceira e última batalha.

Quando Bagris, fugindo de Yerushalaim, conseguiu chegar ao rei Antiochus IV, ele lhe contou o que fizera na cidade, os decretos que havia imposto e a batalha que havia perdido. Ele contou ao rei sobre os líderes da rebelião, sobre Yehuda HaMakabi e os Chashmonaim. Bagris insistiu que se o rei quisesse recuperar Eretz Israel era preciso atacar com todo o poder possível, com um enorme exército, com as armas mais avançadas, com elefantes e grande poder.

A terceira batalha

Os dois primeiros combates, envolvendo os generais Nikanor e Bagris, levaram menos de um ano, e a última batalha também não tardou a chegar aos portões de Yerushalaim.

Os filhos de Matitياهو lideraram os poucos Yehudim que estavam dispostos a lutar, e formaram um exército pequeno contra todo o poder grego. A luta seria claramente difícil, se não impossível. O poder grego estava muito além da capacidade do exército judaico. Era uma luta de muitos contra poucos, fortes contra fracos. Porém os Chashmonaim confiavam que Hashem, que os havia protegido e ajudado nas primeiras batalhas, os ajudaria agora também. Eles não buscavam a guerra, não tinham prazer em matar. Sua vontade era apenas manter Eretz Israel livre de qualquer inimigo, e permitir que o povo judeu pudesse se manter fiel a sua fé, sem medo, sem vergonha e sem ter que esconder sua crença.

Os cinco filhos de Matitياهو dividiram as funções na batalha, sendo El'azar responsável por matar os poderosos elefantes. Como ele poderia fazer isso? Como matar animais tão grandes protegidos por uma malha de ferro? Para conseguir isso El'azar, com muita velocidade, atingiu o único lugar não protegido dos elefantes, a barriga. A parte de baixo do animal estava desprotegida, e com extrema agilidade El'azar corria por baixo do animal, desviado de flechas que tentavam o atingir, e feria os elefantes, derrubando-os junto com aqueles que os montavam. Em uma de suas investidas, infelizmente El'azar não conseguiu sair a tempo, sendo esmagado e morto pela queda do elefante.

Esta última batalha foi dura. Os Makabim precisaram de muita força e fé para manter o fogo vivo e buscar a vitória contra os gregos. Porém, apesar da gloriosa vitória, outra grande perda foi sofrida pelo povo. Yehuda HaMakabi, o grande e poderoso líder, caiu em combate, trazendo grande tristeza para Am Israel. Ele era querido por todo o povo, e sua morte trouxe luto a todos.

A vitória na batalha foi um resultado incrível e inesperado. Naturalmente não era possível que os poucos Chashmonaim e judeus que se juntaram pudessem vencer o exército grego. Não havia dúvida que a vitória havia sido milagrosa.

Quando a derrota ficou clara ao rei Antiochus IV, este fugiu de tanta vergonha. Em seus últimos dias seu Império sofreu diversas rebeliões, pois todos o viam como alguém fraco, sendo apelidado de "O fugitivo". Historiadores diferentes contam finais diferentes sobre a morte de Antiochus IV. Alguns afirmam que ele se suicidou, outros dizem que ele ficou muito doente e acabou falecendo. Porém fica claro nos livros de história que Antiochus IV perdeu seu poder e seu reinado.

Renovando o Beit HaMikdash

Com a guerra vencida e o luto superado, restou aos Chashmonaim retomar as atividades do Beit HaMikdash. Porém grande foi seu sofrimento ao ver a situação do Templo. Grande parte dos utensílios de ouro usados diariamente havia sido saqueado, o ouro fora pego pelos inimigos, e até mesmo a linda Menorá não se encontrava mais no Beit HaMikdash. Independente disso a alegria trazida pela vitória na guerra deu ânimo aos Yehudim, e estes começaram a consertar e purificar o Templo.

Novos utensílios foram feitos, o pátio foi liberado e limpo. Porém refazer a Menorá foi dos maiores problemas. Como poderiam os judeus que sobraram em Yerushalaim reconstruir a Menorá? Esta era feita puramente de ouro, extremamente cara, e mal havia dinheiro suficiente em Yerushalaim para comida... Devido a dificuldade financeira, os Chashmonaim optaram por fazer uma Menorá de ferro, revestida de madeira. Embora de acordo com a Halachá isto seja permitido, a visão de uma Menorá de ferro onde havia antigamente uma brilhante de ouro trouxe certa tristeza ao povo. Aos poucos, quando a riqueza foi voltando a cidade de Yerushalaim, os braços de ferro da Menorá foram substituído por ouro, até que finalmente ela foi reconstruída como fora anteriormente, toda de ouro.

Foram precisos oito dias para que o Templo estivesse novamente apto para os trabalhos dos Cohanim, ficando pronto somente no Shabat, dia 25 de Kislev. Finalmente havia chegado a hora de reinaugurar o Beit HaMikdash. Porém outro problema surgiu. Uma das leis diz que o trabalhos dos Cohanim deve ser feito com pureza, e ao procurar por potes de óleo que servissem para o acendimento das velas, os Yehudim não encontraram nenhum que não houvesse sido impurificado. Após muita busca, eles finalmente encontraram um único pote, selado por um antigo Cohen Gadol. Este pote era suficiente para apenas um dia de acendimento, e levariam ainda oito dias para que um novo óleo fosse produzido.

Os Chashmonaim, ainda elevados pelos milagres que haviam acontecido na guerra contra os gregos não perderam a esperança, e acenderam a Menorá como se fazia diariamente, sem se preocupar com o que seria no dia seguinte. A Menorá possivelmente representava acima de tudo a luz da vitória sobre os gregos. O sinal de que a luz da Torá, carregada pelo povo judeu, voltava a iluminar o mundo.

A fé dos Chashmonaim foi recompensada. Milagrosamente, o óleo que era suficiente para apenas um dia, durou oito. Por oito dias completos a Menorá se manteve acesa, sua chama iluminando de dentro do Beit HaMikdash, sua luz saindo para toda Yerushalaim.

No ano seguinte, os sábios decidiram que estes oito dias deveriam se tornar dias de festa para todas as próximas gerações, lembrando a vitória do povo na guerra contra os gregos e os milagres que a acompanharam.